



21 A 23 DE NOVEMBRO DE 2025

XXX ENAPET

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS:  
DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

## COLONIALISMO DIGITAL E PROTAGONISMO FEMININO: DESAFIOS ÉTICOS E SABERES TRADICIONAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO

PIRES, M. E. S. N.<sup>1</sup>; BARBOSA, I. K. S.<sup>2</sup>; SATURNINO, C. S.<sup>3</sup>; SANTOS, N. B. J.<sup>4</sup>; NÓBREGA, A. P. S.<sup>5</sup>;  
MIRANDA, A. P.<sup>6</sup>; COSTA, D. O.<sup>7</sup>; MARCELINO, T. A.<sup>8</sup>; GABRIEL, M. S.<sup>9</sup>; CARVALHO, D. M. M.<sup>10</sup>;  
ANDRADE, B. L.<sup>11</sup>; BARROS, S. R.<sup>12</sup>.  
Tutor: CARVALHO, A. M.<sup>13</sup>

GRUPO PET-ETNODESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO DIFERENCIADA - ETNOPET;  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)

<sup>1</sup>Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada, UFRRJ; <sup>2</sup>Grupo PET- Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada, UFRRJ; <sup>3</sup>Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>4</sup>Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>5</sup>Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada, <sup>6</sup> Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>7</sup> Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>8</sup>Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>9</sup>Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>10</sup> Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>11</sup>Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>12</sup>Grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada; <sup>13</sup>Tutor do Grupo PET- Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada, UFRRJ, Campus Sede.  
E-mail: maria\_pires@ufrj.br2, grupoetnopet@gmail.com

**RESUMO:** O avanço das tecnologias digitais revelou que a conectividade e o acesso à informação não significaram necessariamente inclusão ou justiça cognitiva. Quando se observou o contexto das mulheres de comunidades tradicionais indígenas, quilombolas, ribeirinhas e rurais, percebeu-se que a lógica algorítmica e os sistemas de informação reproduziram, sob novas linguagens, estruturas coloniais e patriarcais antigas. O colonialismo digital apropriou-se de saberes ancestrais, retirando-os de seu contexto sociocultural e transformando-os em dados mercantilizados, o que apagou a autoria e a memória coletiva. Este trabalho discutiu criticamente os impactos éticos e epistêmicos desse fenômeno, destacando como o protagonismo feminino atuou como resistência e reexistência diante das tecnologias hegemônicas. Com base em uma revisão de literatura recente, analisou-se o papel das mulheres como guardiãs de práticas sustentáveis e de conhecimentos que desafiaram a racionalidade instrumental dominante. Concluiu-se que a ética tecnológica só foi possível quando se reconheceu a legitimidade das epistemologias do Sul e se criaram espaços de participação efetiva de mulheres e comunidades tradicionais na construção do futuro digital.

**Palavras-chave:** exclusão algorítmica; justiça digital; ciberfeminismo; ancestralidade.



XXX ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte  
70910-900, Brasília - DF





21 A 23 DE NOVEMBRO DE 2025  
XXX ENAPET

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS:  
DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

## DIGITAL COLONIALISM AND FEMALE PROTAGONISM: ETHICAL CHALLENGES AND TRADITIONAL KNOWLEDGE IN THE BRAZILIAN CONTEXT

**ABSTRACT:** The advancement of digital technologies has revealed that connectivity and access to information do not necessarily mean inclusion or cognitive justice. When observing the context of women in traditional Indigenous, Quilombola, riverside, and rural communities, it was clear that algorithmic logic and information systems reproduced, under new languages, old colonial and patriarchal structures. Digital colonialism appropriated ancestral knowledge, removing it from its sociocultural context and transforming it into commodified data, erasing authorship and collective memory. This paper critically discussed the ethical and epistemic impacts of this phenomenon, highlighting how female protagonism acted as resistance and re-existence in the face of hegemonic technologies. Based on a recent literature review, the study analyzed the role of women as guardians of sustainable practices and knowledge that challenged the dominant instrumental rationality. It was concluded that technological ethics was only possible when the legitimacy of Southern epistemologies was recognized and spaces were created for the effective participation of women and traditional communities in the construction of the digital future.

**Keywords:** algorithmic exclusion; digital justice; cyberfeminism; ancestry.

### Introdução

A expansão das tecnologias digitais, especialmente da inteligência artificial e da mineração de dados, redefiniu o acesso à informação e as relações de poder que estruturaram a produção do conhecimento. O discurso da neutralidade tecnológica mascarou processos de exclusão e hierarquização que se enraizaram em uma longa história de colonialismo e patriarcado. No contexto brasileiro, as mulheres de comunidades tradicionais exercem papéis centrais na preservação de saberes, nas práticas de cuidado e nos modos de existência que sustentaram suas comunidades e a biodiversidade do país. Ainda assim, esses saberes continuaram sendo tratados como curiosidades folclóricas ou fontes de extração simbólica e econômica por instituições e corporações que se apropriam deles sem reconhecimento ou retorno social.



XXX ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte  
70910-900, Brasília - DF





21 A 23 DE NOVEMBRO DE 2025  
XXX ENAPET

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

O conceito de *colonialismo digital* descreveu essas novas formas de dominação, nas quais o controle territorial foi substituído pela apropriação de dados e pelo monopólio da informação. Essa dinâmica não se mostrou neutra: os algoritmos carregaram as marcas das desigualdades estruturais e operaram conforme critérios de exclusão que reproduziram a colonialidade do poder. Nesse cenário, a invisibilização das mulheres de comunidades tradicionais não foi apenas social, mas também epistêmica, elas foram sistematicamente excluídas da definição do que era conhecimento válido, técnico ou científico.

Refletir sobre o protagonismo feminino diante do colonialismo digital significou questionar o próprio modelo de desenvolvimento tecnológico que se impôs globalmente. Este trabalho buscou evidenciar como os saberes dessas mulheres constituíram práticas de resistência e de reexistência, propondo uma ética digital baseada na reciprocidade, na autonomia comunitária e no reconhecimento da diversidade epistêmica como fundamento da justiça cognitiva.

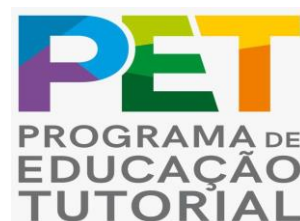
### **Método**

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa de caráter teórico-reflexivo, fundamentada em revisão bibliográfica de publicações brasileiras entre 2018 e 2025. Foram priorizados estudos que dialogaram com as epistemologias do Sul e com as perspectivas feministas e decoloniais, especialmente aqueles que analisaram a interface entre gênero, tecnologia e saberes tradicionais.

O método de análise foi orientado pela hermenêutica crítica, buscando identificar como o discurso tecnológico manteve traços de colonialidade tanto na produção de conhecimento quanto na distribuição desigual dos benefícios digitais. A leitura interseccional de autoras e autores que discutiram justiça cognitiva, protagonismo feminino e resistências locais permitiu construir uma compreensão interconectada dos efeitos éticos, sociais e epistêmicos do colonialismo digital sobre as mulheres de comunidades tradicionais. Essa escolha metodológica



XXX ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte  
70910-900, Brasília - DF





21 A 23 DE NOVEMBRO DE 2025  
XXX ENAPET

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

não buscou neutralidade, mas posicionamento: compreender o fenômeno a partir das vozes historicamente silenciadas.

### **Resultados e Discussão**

A análise revelou que o colonialismo digital funcionou como uma continuidade simbólica da colonização territorial. A estrutura de poder que antes impôs fronteiras físicas manifestou-se nas fronteiras invisíveis do ciberespaço, onde o controle sobre os dados e a visibilidade de certos grupos definiu quem pôde existir, ser ouvido e reconhecido. Silva Félix (2022) apontou que os algoritmos foram moldados por racionalidades eurocentradas que reproduziram o racismo estrutural e o apagamento das epistemologias do Sul, tornando as tecnologias digitais instrumentos de uma nova forma de colonização. Essa leitura é reforçada por Fornasier e Brun (2024), ao argumentarem que as tecnologias digitais, especialmente a inteligência artificial, prolongam lógicas coloniais sob a aparência de neutralidade científica, operando como novos dispositivos de dominação e vigilância.

Dentro desse contexto, as mulheres de comunidades tradicionais enfrentaram uma dupla exclusão: como mulheres e como guardiãs de conhecimentos não ocidentais. Estudos como o de Silva, Bonfim e Souza (2021) demonstraram que essas mulheres, mesmo diante das adversidades, reconfiguraram práticas ancestrais e articularam redes de resistência baseadas na solidariedade, na oralidade e na partilha de saberes. Elas transformaram as tecnologias em ferramentas de visibilidade, utilizando as redes sociais para documentar práticas de cura, agricultura, espiritualidade e educação ambiental, o que constituiu, simultaneamente, ato político e epistemológico. Lopes, Costa e Silva (2023) relatam experiências semelhantes entre mulheres rurais e quilombolas, destacando como o uso crítico das mídias digitais fortaleceu a autonomia e o protagonismo feminino em processos educativos e comunitários.

Muriel e Maneschy (2022), ao analisarem o grupo “Erva Vida”, no Pará, observaram que a apropriação comunitária das tecnologias criou alternativas concretas ao uso hegemônico dos dispositivos digitais. Nessas experiências, a tecnologia foi usada para fortalecer vínculos



XXX ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte  
70910-900, Brasília - DF





21 A 23 DE NOVEMBRO DE 2025  
XXX ENAPET

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

locais, divulgar produções e reivindicar autonomia, revelando uma dimensão ética e social do protagonismo feminino. De modo convergente, Santos e Carvalho (2024) mostram que o protagonismo das mulheres quilombolas na Amazônia tem se articulado por meio de práticas comunicativas e educativas que desafiam o colonialismo digital e reafirmam os saberes tradicionais como forma de resistência.

Essas práticas demonstraram que a resistência ao colonialismo digital não esteve apenas em negar a tecnologia, mas em reinventá-la. A relação entre o saber tradicional e o mundo digital passou a ser mediada por princípios de solidariedade, reciprocidade e preservação da memória coletiva, um contraponto à lógica extrativista que caracterizou o capitalismo de dados. Favreto Sinãni e Accorssi (2023) destacam que as mídias digitais funcionam como sistemas educativos que tanto podem reproduzir quanto subverter as estruturas coloniais, dependendo da forma como são apropriadas pelos sujeitos subalternizados.

Ao reposicionar as mulheres como agentes centrais, as comunidades tradicionais desconstruíram o imaginário de subalternidade e mostraram que o futuro digital pode ser plural, desde que ancorado em valores comunitários e não mercadológicos. Nesse sentido, Guimarães Furtado e Cunha (2024) observam que a justiça digital só se torna possível quando o Sul Global assume papel ativo na definição ética e geopolítica da tecnologia, rompendo com o modelo de exploração de dados e saberes que sustenta o colonialismo digital contemporâneo.

### Conclusões

O colonialismo digital, ao transformar o conhecimento em mercadoria e reduzir a cultura a dados, reafirmou desigualdades que a sociedade contemporânea naturalizou. No entanto, as mulheres de comunidades tradicionais mostraram que existiram outras formas de produzir e compartilhar conhecimento, baseadas na experiência, na ancestralidade e no cuidado. Elas reafirmaram a vida como valor ético e político, propondo uma epistemologia que desafiou a lógica dominante e resgatou a potência das relações humanas.



XXX ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte  
70910-900, Brasília - DF





21 A 23 DE NOVEMBRO DE 2025  
XXX ENAPET

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Mais do que vítimas da exclusão digital, essas mulheres se tornaram produtoras de alternativas epistemológicas e tecnológicas. A sua presença e ação política demonstraram que não houve tecnologia ética sem diversidade, nem inovação sem diálogo com a terra e com a memória. A ética decolonial que emergiu dessas práticas convidou a pensar o digital não como território de dominação, mas como campo de reconstrução de sentidos e de justiça cognitiva. O protagonismo feminino, nesse contexto, representou não apenas resistência, mas criação, criação de outros mundos possíveis, sustentados pelo saber, pela solidariedade e pela autonomia coletiva.

### Agradecimentos

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão ao Programa de Educação Tutorial (PET) e ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) pelo apoio financeiro que possibilitou a realização deste trabalho e o desenvolvimento acadêmico de nosso grupo. Agradecemos também à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) pelo suporte institucional, aos professores e tutores que orientaram nossas atividades, e a todos os colegas do grupo PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada pelo empenho e colaboração durante a execução deste projeto. Reconhecemos, ainda, a importância de nossas famílias e amigos pelo incentivo, compreensão e apoio constantes ao longo de todo o processo.

### Referências

FAVRETO SINÃNI, Marília Cláudia; ACCORSSI, Aline. Colonialismo digital e processos de disputas: as mídias como “sistemas educativos” da população. *Liinc em Revista*, v. 19, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6646>.

FORNASIER, Mateus de Oliveira; BRUN, Marco Antonio Compassi. A colonialidade das novas tecnologias: uma proposta de giro decolonial na era da inteligência artificial. *Revista Quaestio Iuris*, v. 17, n. 3, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/quaestioiuris/article/view/81884>.

GUIMARÃES FURTADO, Renato; CUNHA, Simone Evangelista. Inteligência artificial, data centers e colonialismo digital: impactos socioambientais e geopolíticos a partir do Sul Global.



XXX ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte  
70910-900, Brasília - DF





21 A 23 DE NOVEMBRO DE 2025  
XXX ENAPET

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS:  
DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

*Liinc em Revista*, v. 20, n. 1, 2024. Disponível em:  
<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/7272>.

LOPES, Ivonete da Silva; COSTA, Bianca Aparecida Lima; SILVA, Júlia Maria Nogueira. Mulheres rurais e literacia digital: relato da experiência da articulação entre pesquisa, ensino e extensão. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, v. 8, 2023. Disponível em:  
<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/19395>.

MURIEL, Michelle de Lima; MANESCHY, Rosana Quaresma; et al. Saberes tradicionais das mulheres: uma análise sobre as inovações sociotécnicas do grupo “Erva Vida” de Marapanim/Pará. *Anais do SICOOPES 2022*. Disponível em:  
<https://www.even3.com.br/anais/sicoopes2022/500998-saberes-tradicionais-das-mulheres--uma-analise-sobre-as-inovacoes-sociotecnicas-do-grupo-erva-vida-de-marapanim/>.

SANTOS, Nara Raimunda de Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. O protagonismo feminino quilombola na Amazônia: uma revisão narrativa de literatura. *Revista Multidisciplinar da UNIVASSOURAS*, v. 9, n. 1, 2024. Disponível em:  
<https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/5149>.

SCHMITZ, Aline Motter; SANTOS, Roselí Alves dos. Os conhecimentos tradicionais das mulheres agricultoras em Francisco Beltrão (PR), Brasil: o uso das plantas medicinais na sociedade moderna. *Revista Campo-Território*, 2023. Disponível em:  
<https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/74408>.

SILVA, Claudionor Renato da. Feminismo decolonial indígena e a educação profissional tecnológica brasileira de meninas e mulheres indígenas. *Articulando e Construindo Saberes*, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/69608>.

SILVA, Rubens Elias da; BONFIM, Fernanda da Silva; SOUZA, Rogério Ribeiro de. Mulheres, saberes práticos, relações de gênero e a floresta. *Nova Revista Amazônica*, Belterra-PA, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6293>.

SILVA FÉLIX, Maria Alice. Colonialismo digital e racismo algorítmico: a persistência das estruturas coloniais nas tecnologias contemporâneas. *Revista Convergência Crítica*, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/64482>.



XXX ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS PET  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte  
70910-900, Brasília - DF

